



ROMAN KRZNARIC COMO SER UM BOM ANCESTRAL

Autor de **O poder da empatia**

A arte de pensar
o futuro num
mundo imediatista

Copyright © 2020 by Roman Krznaric

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados, nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados, salvo os que forem propriedade do Grupo Companhia das Letras.

Título original

The Good Ancestor: How to Think Long Term in a Short-Term World

Capa

Estúdio Insólito

Preparação

Natalie Lima

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Marise Leal

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Krznaric, Roman

Como ser um bom ancestral : A arte de pensar o futuro num mundo imediatista / Roman Krznaric ; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

Título original: The Good Ancestor : How to Think Long Term in a Short-Term World.

Bibliografia

ISBN 978-65-5979-023-4

1. Conduta de vida 2. Empatia 3. Previsão 4. Valores I. Título.

21-67399

CDD-170.44

Índice para catálogo sistemático:

1. Conduta de vida : Futuro : Filosofia 170.44

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

1. Como podemos ser bons ancestrais?

SOMOS OS HERDEIROS DAS DÁDIVAS do passado. Considere o imenso legado deixado por nossos ancestrais: aqueles que semearam as primeiras sementes na Mesopotâmia 10 mil anos atrás, que limpavam a terra, construíram as vias navegáveis e fundaram as cidades onde hoje vivemos, que fizeram as descobertas científicas, venceram as lutas políticas e criaram as magníficas obras de arte que nos foram transmitidas. Raramente paramos para pensar como eles transformaram a nossa vida. A maioria deles foi esquecida pela história, mas entre aqueles que são lembrados está o médico e pesquisador Jonas Salk.

Em 1955, após quase uma década de meticulosos experimentos, Salk e sua equipe desenvolveram a primeira vacina bem-sucedida e segura para a poliomielite. Foi uma conquista extraordinária; na época, a pólio paralisava ou matava meio milhão de pessoas por ano no mundo todo. Salk foi imediatamente aclamado como um milagreiro. Mas ele não estava interessado em fama e fortuna — nunca procurou patentear a vacina. Sua ambição era “ter alguma utilidade para a humanidade” e deixar um legado positivo para futuras gerações. Não há dúvida de que conseguiu.

Anos depois, Salk expressou sua filosofia de vida numa única pergunta: “Estamos sendo bons ancestrais?”¹ Ele acreditava que, assim como herdamos tantas riquezas do passado, devemos também transmiti-las aos nossos descendentes. Estava convencido de que para isso — e para enfrentar crises globais como a destruição da natureza pela humanidade e a ameaça da guerra nuclear — precisávamos de uma mudança radical em nosso panorama temporal, de uma perspectiva cuja direção fosse mais concentrada no pensamento de longo prazo e nas consequências de nossas ações para

além de nossa própria vida. Em vez de pensar numa escala de segundos, dias e meses, devíamos ampliar nossos horizontes temporais de modo a abranger décadas, séculos e milênios. Só então seríamos capazes de respeitar e honrar verdadeiramente as gerações vindouras.

A pergunta de Salk pode vir a ser nossa maior contribuição para a história. Formulada de uma maneira mais ativa — “Como podemos ser bons ancestrais?” —, eu a considero a questão mais importante de nosso tempo, e uma questão que oferece esperança para a evolução da humanidade. O desafio de respondê-la, além de ter inspirado este livro, também frequenta suas páginas. Ele nos convoca a considerar como seremos julgados por futuras gerações, e se deixaremos um legado que as beneficia ou as prejudica. A velha aspiração bíblica de ser um Bom Samaritano já não basta. É hora de uma atualização para o século XXI: ser um Bom Ancestral.

O futuro foi colonizado

Tornar-se um bom ancestral é uma tarefa formidável. Nossas chances de fazê-lo serão determinadas pelo resultado de uma luta pela mente humana que acontece neste momento, e em escala global, entre as forças opostas do pensamento de curto e de longo prazo.

Neste momento da história, a força dominante é clara: vivemos numa era de predomínio patológico do pensamento de curto prazo. Os políticos mal conseguem enxergar além da próxima eleição ou da última pesquisa de opinião ou de um tuíte. As empresas são escravas do próximo relatório trimestral e da constante exigência de aumentar o retorno para os acionistas. Os mercados chegam a seu ponto máximo e depois quebram em bolhas especulativas conduzidas por algoritmos que têm a rapidez de milissegundos. Em conferências internacionais, concentradas em seus interesses de curto prazo, nações se reúnem em mesas de discussão enquanto o planeta pega fogo e espécies desaparecem. Nossa cultura de gratificação instantânea nos leva a nos exceder no consumo de fast food, no envio de mensagens de texto rápidas e no uso do botão “Compre agora”. “A grande

ironia de nosso tempo”, escreve a antropóloga Mary Catherine Bateson, “é que ao mesmo tempo que estamos tendo vidas mais longas, estamos tendo pensamentos mais curtos.”² Esta é a era da tirania do agora.

O pensamento de curto prazo está longe de ser um fenômeno novo. A história está repleta de exemplos — da temerária destruição das florestas virgens japonesas no século XVII até a especulação desenfreada que levou ao crash de Wall Street em 1929. Não é sempre uma coisa ruim: assim como um pai pode precisar de repente correr com uma criança ferida para o hospital, um governo precisa responder com rapidez e agilidade a crises como um terremoto ou uma epidemia. Mas dê uma olhada nas notícias diárias e você vai encontrar múltiplos exemplos da tendência nociva ao pensamento de curto prazo.³ Governos preferindo a solução rápida de encarcerar mais criminosos a lidar com as causas sociais e econômicas mais profundas do crime. Ou subsidiando a indústria do carvão em vez de apoiar a transição para a energia renovável. Ou socorrendo nossos bancos insolventes depois de uma quebra em vez de reestruturar o sistema financeiro. Ou deixando de investir em assistência médica preventiva, no combate à pobreza infantil e em políticas habitacionais. Ou... a lista se prolonga indefinidamente.

Os perigos do pensamento de curto prazo vão muito além dessas áreas de política pública e nos trouxeram ao ponto de crise em que estamos agora. Isso se deve, em primeiro lugar, à perspectiva crescente do chamado “risco existencial”, que se refere normalmente a eventos de baixa probabilidade mas de grande impacto que poderiam ser causados por novas tecnologias. No topo da lista estão as ameaças decorrentes de sistemas de inteligência artificial, como as armas autônomas letais que não podem ser controladas por seus fabricantes humanos. Outras possibilidades incluem pandemias geneticamente engendradas ou uma guerra nuclear provocada por um Estado desonesto numa era de crescente instabilidade política. Especialista em riscos existenciais, o filósofo Nick Bostrom está particularmente preocupado com o impacto futuro da nanotecnologia molecular e teme que terroristas possam se apropriar de nanorrobôs autorreplicadores de bactérias que saem de controle e envenenam a atmosfera. Diante dessas ameaças, muitos especialistas em risco existencial acreditam que a

probabilidade de a humanidade chegar ao fim do século sem perder vidas em escala catastrófica é de uma em seis.⁴

Igualmente séria é a possibilidade de um colapso civilizacional devido à nossa persistente destruição dos sistemas ecológicos de que nosso bem-estar e a própria vida dependem. À medida que continuamos a extrair combustíveis fósseis impensadamente, a envenenar nossos oceanos e a destruir espécies num ritmo que equivale ao de uma “sexta extinção”, a perspectiva de impactos devastadores torna-se ainda mais próxima. Em nossa era hiperconectada, essa ameaça existe agora em escala mundial; não há um planeta B para onde correr. Segundo o historiador ambiental Jared Diamond, essa destruição ecológica esteve na raiz do colapso civilizacional ao longo de toda a história humana. Sua principal causa subjacente, ele afirma, é uma overdose de “tomadas de decisão de curto prazo” associada a uma ausência de “pensamento corajoso de longo prazo”.⁵ Fomos avisados.

Esses desafios nos põem diante do inescapável paradoxo de que a necessidade de pensar a longo prazo seja uma questão da máxima urgência, exigindo ação imediata no presente. “Agora mesmo estamos diante de um desastre de escala global produzido pelo homem, nossa maior ameaça em milhares de anos: as mudanças climáticas”, disse David Attenborough a líderes mundiais na Conferência da ONU sobre o Clima em 2018. “Se não tomarmos uma atitude, o colapso de nossa civilização e a extinção de grande parte do mundo natural estão no horizonte.” Segundo o naturalista, “O que acontece agora, e nos próximos anos, afetará profundamente os próximos milhares de anos”.⁶

Declarações como essas deveriam nos deixar em alerta vermelho. Mas elas muitas vezes falham em expressar quem exatamente suportará as consequências de nossa miopia temporal. A resposta não é apenas nossos próprios filhos e netos, mas os bilhões de seres humanos que nascerão nos séculos vindouros, e cujo número é muitíssimo maior do que o de todos que vivem hoje.

Chegou o momento, especialmente para aqueles que vivem em nações ricas, de reconhecer uma verdade perturbadora: que colonizamos o futuro. Tratamos o futuro como um posto avançado colonial distante, desprovido

de pessoas, onde podemos despejar livremente degradação ecológica, risco tecnológico e lixo nuclear, e que podemos saquear à vontade. Quando a Grã-Bretanha colonizou a Austrália nos séculos XVIII e XIX, ela se valeu de uma doutrina legal hoje conhecida como *terra nullius* — terra de ninguém — para justificar sua conquista e tratar a população nativa como se ela não existisse ou tivesse quaisquer direitos sobre a terra.⁷ Hoje nossa atitude social é de *tempus nullius*: o futuro é visto como “tempo de ninguém”, um território não reivindicado que é similarmente desprovido de habitantes e que está à disposição, como os domínios distantes de um império. Assim como os nativos australianos ainda lutam contra o legado de *terra nullius*, há também uma luta a ser travada contra a doutrina de *tempus nullius*.

A tragédia é que as gerações ainda não nascidas nada podem fazer com relação a essa pilhagem colonialista de seu futuro. Elas não podem se jogar na frente do cavalo do rei como uma sufragista, bloquear uma ponte no Alabama como um defensor dos direitos civis ou empreender uma Marcha do Sal para desafiar seus opressores coloniais como fez Mahatma Gandhi. Não possuem nenhum direito político ou representação, não têm nenhuma influência nas urnas ou no mercado. A grande maioria silenciosa das futuras gerações fica impotente e é apagada de nossa mente.

A emergência conceitual do pensamento de longo prazo

Esse não é o fim da história humana. Estamos num ponto de virada potencial na história, com múltiplas forças começando a se unir num movimento global determinado a nos libertar de nossa dependência do tempo presente e forjar uma nova era do pensamento de longo prazo.

Seus defensores incluem designers urbanos e cientistas climáticos, médicos hospitalares e CEOs de empresas de tecnologia que começam a reconhecer que uma tendência bitolada ao pensamento de curto prazo encontra-se na raiz de muitas das crises atuais — a ameaça do colapso do ecossistema, os riscos da automação, o aumento da migração global em massa, a ampliação da desigualdade —, e a solução óbvia é o pensamento

de longo prazo. Al Gore afirma que as instituições governamentais foram subornadas por interesses particulares obcecados pelo ganho a curto prazo em detrimento da sustentabilidade a longo prazo. O astrofísico Martin Rees está preocupado com a existência de “muito pouco planejamento, muito pouca visão sistêmica, muito pouca consciência de riscos a longo prazo” e sugere que deveríamos aprender com a China em matéria de políticas de longo prazo.⁸ O ex-executivo do Facebook Chamath Paliapitiya admitiu que os “ciclos de retroalimentação a curto prazo impulsionados pela dopamina que criamos estão destruindo o modo como a sociedade funciona”, enquanto o economista-chefe do Banco da Inglaterra criticou abertamente a “crescente maré de miopia” nos mercados de capital e no comportamento corporativo.⁹ Ao mesmo tempo, há um consenso internacional emergente de que a vida das pessoas das próximas gerações não deveria ser desconsiderada nas deliberações morais e nas decisões políticas atuais. Durante os últimos 25 anos, mais de duzentas resoluções da ONU mencionaram explicitamente o bem-estar de “futuras gerações”, enquanto o papa Francisco proclamou que a “solidariedade intergeracional não é opcional, mas uma questão básica de justiça”.¹⁰

Essa crescente crença pública na importância do pensamento de longo prazo como uma prioridade civilizacional é algo sem precedentes. Ainda mais impressionante do que essa abundância de belas palavras foi uma explosão de projetos e iniciativas práticas dedicadas a transformar isso numa realidade. O Silo Global de Sementes de Svalbard, construído dentro de um bunker rochoso no Ártico remoto, pretende manter mais de 1 milhão de sementes de 6 mil espécies em segurança por pelo menos mil anos. Há novas estruturas políticas, como o Comissariado das Gerações Futuras em Gales, o Ministério dos Assuntos de Gabinete e o Futuro dos Emirados Árabes. Elas foram seguidas pelas ações de jovens ativistas, incluindo a campanha *Plants-for-the-Planet* iniciada em 2007 por um menino alemão de nove anos, Felix Finkbeiner, que resultou no plantio de dezenas de milhões de árvores em 130 países. Nas artes criativas, a composição “Longplayer”, criada pelo músico Jem Finer a partir de uma combinação algorítmica, começou a ser executada no farol de Trinity Buoy Wharf em

Londres, e pôde ser ouvida no Domo do Milênio à meia-noite de 31 de dezembro de 1999, e continuará sendo tocada, em toda a sua extensão, sem repetição durante um milênio, quando será resetada.

O pensamento de longo prazo parece estar ganhando força, mas há um problema. Embora possa ser encontrado nos bolsões das comunidades científicas e artísticas, e em meio a alguns ativistas do meio empresarial e políticos previdentes, ele ainda se concentra nas margens, não só na Europa e na América do Norte, mas também em economias emergentes que são fortes e vigorosas. Não conseguiu — até agora — penetrar profundamente nas estruturas da mente moderna, que continuam amarradas pela camisa de força da tendência ao pensamento de curto prazo.

Além disso, o pensamento de longo prazo como conceito é visivelmente embrionário. Em inúmeras conversas das quais participei, ele é oferecido como uma solução para nossos males planetários, mas ninguém consegue realmente explicar do que se trata. Numa busca online, a expressão pode gerar quase 1 milhão de entradas, que raramente explicam seu real significado e funcionamento, bem como os horizontes temporais envolvidos e os passos que devemos dar a fim de transformá-la em norma. Embora figuras públicas como Al Gore possam defender suas virtudes, ela continua abstrata, sem forma, uma panaceia sem princípios ou programa. Esse vácuo intelectual equivale a nada menos que uma emergência conceitual.¹¹

Se aspiramos a ser bons ancestrais, nossa primeira tarefa é preencher esse vácuo. Este livro tenta fazer isso oferecendo um conjunto de seis maneiras visionárias e práticas de cultivar o pensamento de longo prazo. Juntas, elas fornecem uma caixa de ferramentas essencial para questionar nossa obsessão pelo aqui e agora.

Meu foco nessas seis formas baseia-se numa profunda convicção de que ideias importam. Concordo com H.G. Wells — talvez o mais influente de todos os pensadores de futuros — quando diz que “a história humana é, em essência, uma história de ideias”. As ideias que predominam culturalmente são aquelas que moldam a direção de uma sociedade, que determinam o que é pensável e impensável, o que é possível e impossível.

Sim, fatores como estruturas econômicas, sistemas políticos e tecnologia desempenham papéis vitais, mas nunca subestime o poder das ideias. Considere apenas algumas que foram extremamente influentes: que a Terra é o centro do universo; que somos movidos fundamentalmente pelo interesse pessoal; que os seres humanos estão separados da natureza; que os homens são superiores às mulheres; que o caminho para a salvação é Deus ou o capitalismo ou o comunismo. Chame-as de visões de mundo, atitudes mentais, paradigmas ou mindsets: todas elas determinaram o curso de civilizações.¹² E hoje, neste momento da história, o pensamento de curto prazo — uma crença na primazia do agora — é uma das ideias que reinam soberanas e precisam urgentemente ser questionadas.

O músico e pensador cultural Brian Eno já tinha reconhecido a importância dessa questão nos idos dos anos 1970, quando cunhou o conceito de “longo agora”. Eno começara a perceber quantas pessoas estavam imersas numa mentalidade de “curto agora”, em que “agora” significava segundos, minutos ou talvez alguns dias. Uma consequência dessa cultura de curto prazo de alta velocidade foi a falta de preocupação com futuras gerações que estavam enfrentando inúmeras ameaças, do colapso ambiental à proliferação de armas. “Nossa empatia não se estende até muito longe no tempo”, ele escreveu. O antídoto era uma percepção mais longa do agora, em que nossa ideia do que constitui o “agora” abrange períodos maiores, centenas, se não milhares de anos, e nossa visão moral a acompanha.¹³ Este livro oferece fundamentos para a criação de uma “civilização do longo agora”, uma civilização que terá superado sua mentalidade colonial, na qual as futuras gerações são escravizadas pelo presente.

Por mais de uma década, minha própria pesquisa e meus escritos sobre a empatia concentraram-se em como podemos nos colocar no lugar de pessoas de diferentes origens sociais no mundo de hoje e compreender seus sentimentos e perspectivas (o que é tecnicamente conhecido como “empatia cognitiva” ou empatia de “adoção de perspectiva”). Mas há muito tempo luto com um desafio ainda maior: como fazer uma conexão empática, pessoal, com futuras gerações que nunca encontraremos e cujas vidas mal podemos imaginar? Em outras palavras: como estender nossa empatia

não só através do espaço, mas através do tempo? Este livro explora como poderíamos fazer isso. Nos três anos em que o escrevi, pude reconhecer que a empatia não é a única ponte de que precisamos para estender nossa visão moral diante do tempo e que outros conceitos relacionados, como justiça intergeracional e perspectivas indígenas de administração planetária, também podem desempenhar um papel fundamental. O resultado é um livro que empreende uma jornada interdisciplinar através de domínios que vão da filosofia moral e da antropologia à mais recente pesquisa em neurociência, arte conceitual e ciência política. Embora tentando levar em conta uma ampla variedade de perspectivas sociais, econômicas e culturais, a análise que faço aqui é também inevitavelmente limitada por minha própria condição social, de modo que o “nós” que aparece neste livro se refere em geral aos habitantes economicamente seguros das nações industrializadas do Ocidente, às vezes denominadas de Norte Global.

O cabo de guerra pelo tempo

As lutas de libertação nacional ocorridas ao longo do século xx foram travadas com armas. A luta pela libertação intergeracional do século xxi é uma batalha de ideias, tomando a forma de um titânico cabo de guerra pelo tempo (ver a seguir). De um lado, seis forças propulsoras da tendência de pensar a curto prazo ameaçam nos arrastar para além do limite do colapso civilizacional. Do outro, seis formas de pensar a longo prazo estão nos atraindo para uma cultura de horizontes temporais mais longos e de responsabilidade pelo futuro da humanidade.

As seis formas de pensar a longo prazo, exploradas na Parte II, são as habilidades cognitivas necessárias para se tornar um bom ancestral: um conjunto de atitudes, crenças e ideais fundamentais. Elas pertencem a três grupos. *Imaginar* o futuro baseia-se na Humildade diante do Tempo Profundo e no desenvolvimento de uma Meta Transcendente para a humanidade. *Importar-se* com o futuro requer um Mindset de Legado e um senso de Justiça Intergeracional. *Planejar* para o futuro além de nosso tempo de

vida é uma habilidade que está emergindo do pensamento de catedral e da Previsão Holística. Nenhuma delas, se tomadas isoladamente, será suficiente para revolucionar a mente humana a longo prazo. Juntas, porém — e quando praticadas por uma massa crítica de pessoas e organizações —, produzem uma sinergia a partir da qual uma nova era de pensamento de longo prazo poderia surgir.

Embora os propulsores do pensamento de curto prazo que vão aparecer ao longo deste livro sejam uma força formidável, sua vitória no cabo de guerra pelo tempo não está garantida de maneira alguma. Ao contrário do que pensa a opinião popular, o pensamento de longo prazo talvez seja um dos maiores talentos não reconhecidos de nossa espécie. Não pensamos apenas de modo rápido ou lento, como Daniel Kahneman nos ensinou — pensamos também a curto e a longo prazo. A capacidade de pensar e planejar por longos períodos está programada em nosso cérebro e permitiu feitos monumentais, como a construção dos esgotos de Londres após o Grande Fedor de 1858, o investimento público do New Deal de Roosevelt e a maneira dedicada com que lutaram os ativistas antiescravidão e os defensores dos direitos das mulheres. Como descobriremos, ela é o ingrediente evolucionário secreto que confere às seis formas de pensar a longo prazo seu potencial e poder.

Como o salto imaginativo para o pensamento de longo prazo pode ser transformado em ações que remodelem os contornos na história? Esta pergunta é o foco da Parte III, que conta as histórias dos “rebeldes do tempo”, um bando pioneiro que luta contra a irrefreável tendência de pensar a curto prazo do mundo moderno e tenta pôr as seis formas de pensar a longo prazo em prática. Eles incluem o movimento Greve das Escolas pelo Clima, liderado pela adolescente sueca Greta Thunberg, bem como organizações como Extinction Rebellion no Reino Unido e Our Children’s Trust nos Estados Unidos. Outros rebeldes podem ser encontrados no movimento econômico regenerativo e entre defensores das assembleias de cidadãos da Espanha ao Japão.

Eles enfrentam alguns adversários formidáveis, inclusive aqueles que tentam sequestrar o pensamento de longo prazo para fins egoístas,

O cabo de guerra pelo tempo



Seis propulsores do pensamento de curto prazo

Tirania do Relógio
a aceleração do tempo desde a Idade Média



Distração Digital
o sequestro da atenção pela tecnologia



"Presentismo" Político
foco míope nas próximas eleições



Capitalismo Especulativo
mercados financeiros voláteis oscilando entre a elevação e a quebra



Incerteza em Rede
o aumento do risco e do contágio globais



Progresso Perpétuo
a busca do crescimento econômico interminável
Gráfico: Nigel Hawtin



Seis formas de pensar a longo prazo

Humildade diante do Tempo Profundo
saber que somos um piscar de olhos no tempo cósmico



Mindset de Legado
deixar uma boa lembrança para a posteridade



Justiça Intergeracional
considerar a sétima geração à nossa frente



Pensamento de catedral
planejar para além de uma vida humana



Previsão Holística
antever múltiplos caminhos para a civilização



Meta Transcendente
lutar pelo florescimento de um único planeta



especialmente no setor financeiro. Um exemplo disso é Gus Levy, antigo diretor do banco de investimentos Goldman Sachs, que certa vez declarou orgulhosamente: “Somos gananciosos, mas gananciosos a longo prazo, não a curto prazo”.¹⁴ Além disso, os rebeldes do tempo têm de se defrontar com a dura realidade de que algumas das formas fundamentais pelas quais organizamos nossa sociedade — de Estados-nação e democracia representativa à cultura do consumo, passando pelo próprio capitalismo — não são mais apropriadas para a era em que vivemos. Elas foram inventadas séculos atrás, no Holoceno — a era geológica de 10 mil anos de clima estável ao longo do qual a civilização humana prosperou. Durante esse tempo nosso planeta pôde absorver em grande parte o impacto ecológico do progresso material, os custos e os riscos de novas tecnologias e as pressões do crescimento populacional. Agora essa época chegou ao fim, uma vez que entramos no Antropoceno, a nova era em que os seres humanos criaram um sistema terrestre instável ameaçado pelo colapso ecológico.¹⁵

Trata-se do clássico problema QWERTY, só que em escala muito maior: assim como o layout de nossos ineficientes teclados QWERTY foi, na realidade, projetado nos anos 1860 para evitar que as teclas da máquina de escrever mecânica emperrassem, deixando as letras comumente usadas bem longe umas das outras, nós fomos projetados para os desafios de uma era diferente. É praticamente impossível escapar da conclusão de que, se quisermos criar um mundo adequado tanto para as gerações atuais quanto para as gerações futuras, precisaremos repensar profundamente e reprojeter aspectos essenciais da sociedade — os modos de funcionamento de nossas economias, de nossa política, a configuração de nossas cidades — e assegurar que eles sejam sustentados por novos valores e novas metas para garantir que, a longo prazo, a humanidade prospere. E temos pouquíssimo tempo para fazê-lo.

Há um horizonte de tempo ideal a que deveríamos aspirar no cabo de guerra contra a tendência ao curto prazo? Este livro propõe que cem anos são um limiar mínimo para o pensamento de longo prazo. Essa é a duração atual de uma vida humana longa, levando-nos para além do limite egoico de nossa própria mortalidade de modo a começar a imaginar futuros que

podemos influenciar sem contudo participar deles nós mesmos.¹⁶ Ela se estende muito além da perspectiva hoje encontrada em corporações — de no máximo cinco ou dez anos — e visa o horizonte temporal de ações como plantar um carvalho, que amadurecerá muito depois que tivermos partido. Podemos também aprender com aqueles cuja visão é de alcance muito mais longo. A maneira com que muitos povos indígenas tomam decisões levando em conta sua sétima geração abarca um período de quase dois séculos. Na Califórnia, a Long Now Foundation é ainda mais ambiciosa e fixa o horizonte temporal em 10 mil anos, com base no fato de que as primeiras civilizações humanas emergiram dez milênios atrás, no fim da última Era do Gelo — deveríamos, portanto, desenvolver uma perspectiva igual para o futuro.¹⁷ Precisamos ser ambiciosos com nossas imaginações temporais. Quando você almeja pensar “a longo prazo”, respire fundo e pense, no mínimo, em “mais cem anos”.

A perspectiva de esperança radical

Podemos realmente fazer essa mudança radical de paradigma, de modo que o pensamento de longo prazo permeie não apenas nossas decisões pessoais, mas o próprio tecido de nossas instituições públicas, sistemas econômicos e vida cultural? O crítico literário Terry Eagleton estabelece uma distinção útil entre otimismo e esperança.¹⁸ O otimismo pode ser pensado como uma animada disposição para olhar sempre para o lado positivo da vida, mesmo apesar das evidências. É uma atitude que pode facilmente gerar complacência e inação. A esperança, por outro lado, é um ideal mais ativo e radical que reconhece a real possibilidade de fracasso, mas ao mesmo tempo se agarra à perspectiva de sucesso apesar das probabilidades, movido por um profundo compromisso com um resultado que valorizamos.

Este livro é sobre esperança, não sobre otimismo. Há uma possibilidade real de que a humanidade não desperte da letargia que a faz permanecer no curto prazo até que ocorra um cataclismo extremo — e então pode

ser tarde demais para alterar nosso curso e escapar do mesmo destino autodestrutivo que tiveram o Império Romano e os maias. Mas a perspectiva de colapso civilizacional está longe de ser inevitável, especialmente se empregarmos o poder da ação coletiva para forjar uma mudança radical. A primeira lição que a história ensina é que nada é inevitável até que aconteça. Deveríamos ter esperança ao lembrar que o colonialismo e a escravidão chegaram ao fim. Deveríamos ter esperança no potencial transformativo das seis formas de pensar a longo prazo e na rebelião temporal emergente dedicada a vencer o cabo de guerra contra a tendência ao pensamento de curto prazo. Deveríamos reconhecer que as futuras gerações nunca nos perdoariam se desistíssemos enquanto ainda houvesse a possibilidade de mudança, fossem quais fossem as chances. Devemos ouvir suas vozes em nossos sonhos e prestar atenção nelas em nossas decisões.

O caminho do bom ancestral se estende diante de nós. Cabe a nós escolher se o trilhamos ou não.

12. O caminho do bom ancestral

NOVEMBRO DE 2019. Enquanto escrevo, o país onde cresci está em chamas: a costa leste da Austrália está ardendo. Meu pai de 86 anos teve de fugir, por causa das chamas que ameaçavam engolfar sua casa em Sydney. Agora ele está sufocando nas cinzas que encheram o ar e obscureceram o sol numa névoa enfumaçada, enquanto dezenas de milhares de pessoas se reúnem no centro da cidade e exigem que um governo intransigente e letárgico tome ações imediatas sobre o clima.

Em seu livro *A terra inabitável*, David Wallace-Wells previu que o século xxii seria o “século do inferno”.¹ Talvez ele já tenha começado.

É um mundo que provavelmente exacerbará as desigualdades do presente. Já há 1 bilhão de pessoas que não têm alimentos suficientes para comer e estão vivendo precariamente, mas agora elas se defrontam com um futuro ecológico que investe contra elas com mais secas, mais inundações, mais furacões, mais conflitos. Aproxima-se com velocidade a era do apartheid climático, em que os que têm podem se proteger atrás de muros altos, enquanto os que não têm lutam para sobreviver além deles. Dentro de cinquenta, cem, quinhentos anos, é provável que ainda haja seres humanos vivendo, trabalhando, amando e sonhando pelos continentes do planeta Terra. E a vida que eles levam será profundamente influenciada pelo modo como agimos hoje, pelas consequências da história que eles vão herdar. Somos seus ancestrais, e as escolhas que fazemos — políticas, ambientais, culturais, tecnológicas — irão inevitavelmente moldar suas perspectivas.

Sabemos o que está em risco. Então, o que está nos impedindo de desviar nosso olhar do aqui e agora para ter uma visão mais estendida a

respeito do futuro da humanidade? A resposta fácil é a natureza humana: a miopia inerente de nosso cérebro de marshmallow. Mas isso não pode ser a história toda porque nossa espécie, apesar de todas as suas deficiências, demonstrou repetidamente uma aptidão para pensar e planejar para a posteridade, lançando mão de nossa capacidade cognitiva cerebral de noz. De fato, existem mais quatro barreiras fundamentais para a mudança que foram temas recorrentes ao longo deste livro:

Projetos institucionais obsoletos

Nossos sistemas políticos têm pouca capacidade de adotar uma visão de longo prazo: tanto a democracia representativa quando os Estados-nações são orientados para horizontes de curto prazo e respondem mais a interesses próximos que a riscos distantes. Há uma ausência de mecanismos institucionais que dão voz aos interesses das gerações de amanhã, que estão efetivamente excluídas do sistema. A política permite a colonização do futuro.

O poder dos interesses pessoais

O futuro está sendo coagido por todo um ecossistema econômico propenso a ganhos de curto prazo e gratificação instantânea, de companhias de combustíveis fósseis e especuladores financeiros a grandes sites de venda on-line. Eles são a força vital de uma economia global baseada no crescimento que nos aprisiona na miopia. Esses interesses exercem cada vez mais seu poder por meio de canais da mídia social, usando algoritmos inteligentes e outras ferramentas tecnológicas para difundir desinformação e influenciar resultados políticos em seu favor.²

Insegurança no aqui e agora

O pensamento de longo prazo será sempre um desafio para aqueles que estão se esforçando para satisfazer necessidades imediatas no pre-

sente, em decorrência de fatores como insegurança no emprego, fome e ameaça de violência. Esse é especialmente o caso para os 230 milhões de migrantes e refugiados do mundo — um número que provavelmente crescerá para mais de 450 milhões até 2050. A maioria dessas pessoas se concentra compreensivelmente em lidar com seu contexto presente de incerteza e deslocamento em vez de planejar para um futuro distante.³

Senso insuficiente de crise

Apesar de todas as calamidades ecológicas e ameaças tecnológicas que enfrentamos, a maioria das pessoas — especialmente aquelas em posições de poder — não tem um genuíno senso de crise, urgência ou medo que as conduza a tomar uma ação radical. Somos uma espécie que está fervendo em fogo brando na panela e precisará de um choque brusco para poder pular fora dela. Como disse Milton Friedman, um dos arquitetos do neoliberalismo, “só uma crise — real ou percebida — produz mudança real”.⁴

Tendo em vista esses enormes obstáculos, que esperança pode haver para o pensamento de longo prazo? A resposta nos leva de volta ao poder das ideias. Elas fornecem o pátio em que a ação humana tem lugar. São as ideias o ingrediente secreto do paradigma que molda nossa vida. Milton Friedman certamente reconheceu seu potencial transformador. Depois que ele e os colegas que compartilhavam suas ideias trabalharam por quase meio século semeando o pensamento de livre mercado em universidades, centros de estudos, jornais e partidos políticos, nos anos 1980 o neoliberalismo finalmente superou seu arquirrival, o keynesianismo, e ainda reina supremo décadas depois como uma das visões de mundo mais dominantes de nosso tempo. Devemos ser igualmente ambiciosos em nossas esperanças de pensamento de longo prazo, embora seu cabo de guerra contra o pensamento de curto prazo precise ser ganho bem mais rapidamente. Essa é uma luta pela mente humana. Descolonizemos nossa

mente e iremos descolonizar o futuro, libertando-o do domínio do tempo presente. E temos todas as ferramentas de que precisamos nas seis formas de pensar a longo prazo.

Para transformá-las em hábitos mentais e no modo como vemos o mundo, precisamos de tempo para reflexão, exploração e conversação, por isso expus questões para contemplação que se relacionam com cada uma das seis formas a seguir. Essas questões podem ser usadas como uma fagulha para discussões ambiciosas com amigos, família, colegas ou estranhos. Como disse o historiador Theodore Zeldin, “uma conversa satisfatória é aquela que faz você dizer o que nunca disse antes”.⁵

Por trás desse conjunto de questões há uma maior. Encontramo-nos num momento da história em que encaramos uma escolha existencial, uma escolha que Jonas Salk reconheceu como a mais crítica de nosso tempo: queremos ser uma sociedade impulsionada pelo pensamento de curto prazo e valores individualistas, ou queremos tomar outro rumo e ir em direção ao pensamento de longo prazo para o bem comum?

Mesmo que façamos a escolha de nos tornarmos bons ancestrais, ainda enfrentamos o desafio aparentemente insuperável de ultrapassar as muitas barreiras para o pensamento de longo prazo. Estamos cercados e sufocados pelo curto agora da modernidade que tem acesso a nosso cérebro de marshmallow. Os altos e baixos diários do mercado de ações, as filas nos aeroportos para voos de fim de semana, a corrida frenética nas liquidações, os acordos pré-eleições dos políticos e o cacoete das pessoas que não param de checar seus celulares são exemplos disso.

Há também, contudo, uma realidade mais auspiciosa diante de nós. Dê um passo atrás e olhe para a rebelião do tempo que está ocorrendo nos cenários cultural, econômico e político do início do século XXI — trata-se de uma extraordinária constelação de compromisso e ação que está semeando valores de longo prazo por toda a etnosfera. Visto como um todo, há um movimento global emergente dedicado a expandir nossos horizontes de tempo e forjar uma nova comunidade imaginária com pessoas do futuro. Podemos estar no limiar de uma civilização de longo agora. Como poderíamos promover a causa da melhor maneira e participar da luta?

Conversas do bom ancestral



Humildade diante do tempo profundo

Quais foram suas experiências mais intensas de tempo profundo, e como elas o afetaram?



Justiça intergeracional

Quais são, para você, as razões mais poderosas para se importar com futuras gerações?



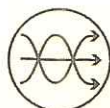
Mindset de legado

Que legado você quer deixar para sua família, sua comunidade e para o mundo vivo?



Meta transcendente

Qual você acha que deveria ser a meta máxima da espécie humana?



Previsão holística

Você prevê um futuro de colapso civilizacional, transformação radical ou um caminho diferente?



Pensamento de catedral

Que projetos de longo prazo você poderia perseguir com outros que se estenderia além de sua própria vida?

Quando se trata de ser um bom ancestral, a questão-chave não é “como posso fazer uma diferença?” mas “como nós podemos fazer a diferença?”. Uma mera mudança de pronome tem o poder de mudar o mundo. Mais do que ações pessoais isoladas, a urgência de nossa crise atual exige estratégias de mudança baseadas em ação coletiva, dirigida para aqueles que estão no poder. Como afirma David Wallace-Wells, “o cálculo do clima é tal que escolhas individuais de estilo de vida não representam muito, a menos que sejam ampliadas pela política”.⁶

Para os que estão buscando transformar o pensamento de longo prazo em prática de longo prazo, a prioridade deve ser buscar aquilo que podemos fazer juntos. Isso poderia significar ingressar nas rebeliões do tempo já em curso: apoiando as batalhas legais por direitos intergeracionais, fazendo parte de assembleias de cidadãos ou pressionando políticos para pôr fim a subsídios para combustíveis fósseis e entrar no Donut. Poderia significar olhar para as organizações de que você já faz parte, como escolas, igrejas ou ambientes de trabalho, e perguntar o que você pode fazer para promover a visão de longo prazo — pode ser uma campanha para zerar suas emissões de carbono, escrever um plano estratégico para 2100 ou transformar sua empresa numa B-Corp. Poderia também significar ocupar as ruas e bloquear o caminho para um novo aeroporto com seu grupo de samba, realizar um *sit-in*, com manifestantes sentados juntos a fim de exigir investimentos de longo prazo no sistema de saúde pública, ou unir-se a seus filhos numa greve climática. Lembre-se das palavras do antropólogo James Scott: “Os grandes ganhos emancipatórios para a liberdade humana não foram o resultado de procedimentos institucionais ordeiros, mas de ação desordenada, imprevisível e espontânea que quebra a ordem social a partir de baixo”.⁷

E o relógio está fazendo tique-taque. Estamos num paradoxo pois não podemos esperar pacientemente que o pensamento de longo prazo emerja pouco a pouco e se faça sentir: precisamos dele urgente e imediatamente a fim de fazer frente às múltiplas crises que se dirigem a toda velocidade em nossa direção. Como Martin Luther King Jr. escreveu, “somos confrontados com a feroz urgência do agora”.⁸ Amanhã tornou-se hoje. A história

nos conta que a ação coletiva funciona. No entanto, traçar uma linha inflexível entre esforços individuais e comunitários é uma falsa dicotomia. Nossas ações pessoais não são uma inútil gota no oceano, pela simples razão de que as ondulações que elas provocam podem se transformar em ondas. O contágio social é uma força poderosa: um estudo mostrou que metade das pessoas que conhecem alguém que deixou de voar de avião por causa das mudanças climáticas voam menos elas próprias como resultado desse exemplo. Outra pesquisa demonstra que quando você instala painéis solares em seu telhado não só ajuda a empurrar para baixo o preço de mercado da energia renovável como pode também estimular amigos e vizinhos a fazer o mesmo. A estratégia inteligente consiste em considerar ações que têm o potencial de ser amplificadas.⁹

Devemos ainda, no entanto, dar espaço para aquilo que é profundamente pessoal.

Apaixonarmo-nos por um lugar — uma montanha, uma floresta, um rio — pode nos transformar em guardiões do futuro, pois isso pode instilar em nós o desejo de preservar suas maravilhas vivificantes para as gerações vindouras. Numa era de deslocamentos e comunidades rompidas, essas paisagens fornecem uma âncora a que podemos prender nossos anseios temporais. Elas nos reconectam com a meta transcendente de um planeta próspero, de modo que possamos cuidar do mundo vivo que tomará conta de nossa prole.

Visualizar a vida de nossos entes queridos mais jovens estendendo-se rumo à distância além da nossa própria pode também ser uma ponte para um agora mais longo. Quem serão eles quando forem idosos? Que tipo de mundo habitarão? Como vão nos considerar e ao que fizemos ou deixamos de fazer quando tivemos chance? O poder de *whakapapa* pode se tornar parte de nossa imaginação, ajudando a iluminar a grande cadeia dos vivos, mortos e não nascidos que se estende, de forma ininterrupta, ao longo do tempo.

Ver a nós mesmos como parte dessa cadeia pode trazer uma dádiva inesperada: um sentimento de propósito em nossa vida. Podemos cultivar nossa necessidade de conexão e de relacionamento criando um vínculo

empático com gerações futuras através da paisagem temporal. Podemos encontrar propósito no esforço de assegurar o florescimento da vida, geração após geração. Podemos começar a nos libertar do medo da morte vendo-nos como parte de um quadro maior. A busca de pensar a longo prazo é cheia de alimento existencial.

Quando refletimos sobre nosso relacionamento cambiante com o tempo, quando consideramos nossos próprios legados, quando contemplamos o que significa para nossa vida ser apenas um piscar de olhos na história de 13,8 bilhões de anos do Universo, iniciamos nossa viagem além do aqui e agora. Começamos a insuflar nova vida na evolução da cultura humana. Começamos a trilhar o caminho do bom ancestral.